

CORPOS AGITADOS NA SALA DE AULA: UM PROBLEMA INDIVIDUAL OU DE ENSINO?

CASTELLAR, Taciana (UEM)

TERUYA, Teresa Kazuko (Orientadora/UEM)

Introdução

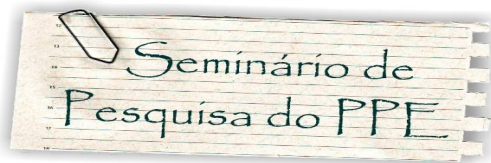
A vida na sociedade urbana contemporânea é marcada pela fragmentação das organizações sociais e das relações interpessoais que se liquefazem¹ à medida que os indivíduos modificam as representações de si e do outro. Apesar dos sujeitos possuírem múltiplas representações e identidades, a construção dos processos de identificação dos indivíduos contemporâneos percorre um caminho marcado pelo intenso apelo ao consumo de mercadorias e aos usufrutos das tecnologias de mídias².

Com a intensa participação dos indivíduos nas redes sociais, possibilitadas pelas inovações tecnológicas de mídias, as crianças e adolescentes que frequentam as instituições escolares são predominantemente mais habilidosas com as informações visuais. Isto quer dizer que boa parte destes/as alunos/as podem apresentar alguma dificuldade em compreender as informações auditivas das aulas expositivas, por estarem habituados a entender com mais facilidade as informações visuais.

Nossa hipótese é que uma parte dos/as estudantes diagnosticados/as como hiperativos/as não possuem problemas orgânicos e sim problemas pedagógicos. O

¹ Adotamos o termo “liquifazer” cunhado por Bauman (2007) para caracterizar o tempo em que vivemos. Para o autor, nós estamos inseridos em uma era chamada de Modernidade Líquida. Neste tempo que vivemos, ocorre “[...] a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais [...] não podem mais manter sua forma por muito tempo [...] pois se decompõe e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam”. (BAUMAN, 2007, p. 7)

² Teruya (2006) utiliza o conceito de mídia utilizado por Dizard Júnior (2000, p.291-292). “A mídia impressa abrange todo veículo de comunicação que utiliza a palavra impressa para transmitir mensagens, tais como: os cartazes, as revistas, os jornais entre outros. A mídia eletrônica abrange veículos de comunicação eletrônica como aparelhos de som, o rádio e a televisão. A nova mídia aparece como derivação do uso dos computadores e da eletrônica digital, por exemplo: a internet.”

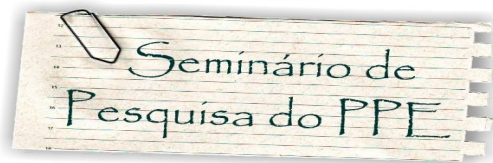


indivíduo hiperativo apresenta um quadro de excessiva agitação motora, dispersão e dificuldade de reter atenção em qualquer tempo e espaço. Já o indivíduo agitado apresenta variações no seu comportamento e na sua atenção. Se na escola o/a aluno/a é agitado/a e em outro ambiente é calmo/a, não pode ser considerada uma pessoa hiperativa apenas por suas manifestações no espaço escolar.

Outra possível hipótese para pensarmos neste corpo agitado na sala de aula é a constante mudança nos interesses e desejos destes indivíduos. Essa mudança pode ser provocada pela dificuldade de compreensão do conteúdo escolar. Assim, a impossibilidade de entender um assunto torna possível a dispersão, a agitação motora e a dificuldade de reter atenção. Outros fatores atrelados às agitações destes indivíduos podem ser causados por fatores psicológicos, sociais, culturais, econômicos e, sobretudo, pedagógicos no processo de ensino.

Os corpos agitados na escola são ameaçadores para a manutenção da ordem na sala de aula. Por se tratar de uma ameaça, estes indivíduos sofrem com a rotulação de seus comportamentos. Adjetivos pejorativos como maluco, descontrolado, rebelde, revoltado, pestinha, entre outros, são facilmente atribuídos a estes indivíduos. Nessas situações, há esforços para “manter à distância o ‘outro’, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo”. (BAUMAN, 2001, p. 126). Essas dificuldades de relacionamento e as representações sociais que alguns docentes e discentes podem ter destes corpos estranhos refletem a fragilidade das relações interpessoais de nossa sociedade líquida e fragmentada.

Esses indivíduos que incomodam o aparente estado de ordem fazem parte também de uma escola pautada na racionalidade moderna, “em que o amplo e minucioso domínio do uso do espaço e do tempo é central”. (COSTA, 2009, p. 81). A visibilidade dos corpos agitados não é somente na escola e sim em outras instâncias como “nos escritos científicos e acadêmicos que lidam com isso; peças publicitárias, matérias jornalísticas, programas de rádio, novelas de televisão, etc.” (COSTA, 2009, p. 82). Nestes espaços acadêmicos e midiáticos, diferentes narrativas e discursos que versam a “quadrilogia” marcada pelos processos de identificação, representação,



identidade e relações de poder estão presentes nas pautas das conversas entre a escola, a família e a ciência.

Desse modo, propomos uma discussão sobre o tom ameaçador que estes indivíduos representam para a escola. Abordaremos a construção da ideia de anormalidade (FOUCAULT, 2012), a correção dos desvios de normalidade (FOUCAULT, 2010) com ênfase na medicalização dos indivíduos agitados. Em seguida, apresentaremos um panorama geral das crises e dos desafios da educação contemporânea (BAUMAN, 2013, 2010). Por fim, discutiremos as novas exigências educacionais (LIBÂNEO, 2011), o docente como intelectual (GIROUX, 1999) e as contribuições das tecnologias das mídias na educação (CASTELLS, 2003; GONNET, 2004; TERUYA, 2006).

Socorro! Há corpos estranhos em pleno movimento na minha sala de aula!

O filme francês “L` Homme qui rit”, “O homem que ri” representa uma cena em que o personagem do velho sábio diz ao menino, cuja aparência é socialmente desprezível e a menina cega que “As pessoas não são tão más. Elas são perigosas quando tem medo”. No cenário atual dos corpos em pleno movimento e tão ameaçadores para escola pode refletir a falta de lucidez dos problemas que geram as dificuldades tanto dos agitadores quanto daqueles que zelam pela ordem. Sinônimo de loucura, os corpos agitados revelam o movimento impetuoso da alma que pode ser interpretado socialmente como bem ou mal.

A loucura, que se tornou possível pela paixão, ameaça, por um movimento que lhe é próprio, aquilo que tornou possível a própria paixão. Ela é uma dessas formas da unidade nas quais as leis são comprometidas, pervertidas, transformadas – manifestando assim essa unidade como evidente e já dada, mas também como frágil e já destinada à perdição. (FOUCAULT, 2012, p. 229)

Os movimentos dos corpos são tão intensos quanto impactantes para aqueles que os repudiam. Ao mesmo tempo, estes corpos agitados e desatentos fragmentam-se em

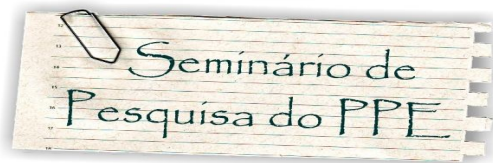
múltiplas identidades e representações de si e do outro, não possuem uma única unidade, eles necessitam das diferenças para haver conflito, para haver movimento. No entanto, estar em constante conflito com a realidade na qual se vive não é valorizado nas sociedades em que vivemos. O desejo e a necessidade de manter a ordem e a coerência dos fatos sempre estiveram presentes e continuará presente nas relações sociais. Aquele que reluta contra o que já é estabelecido necessita que tratamentos especiais. Nesse movimento surge a correção dos desvios de normalidade.

O indivíduo a ser corrigido é, no fundo, um indivíduo bem específico dos séculos XVII e XVIII – digamos da Idade Clássica. O contexto de referência do monstro era a natureza e a sociedade, o conjunto das leis do mundo: o monstro era um ser cosmológico ou anticosmológico. (FOUCAULT, 2012, p. 231).

Pode-se perceber que a representação de correção do comportamento mal adequado é clássico e persiste até os dias de hoje com o subsídio de um complexo sistema composto pela família “e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc.” (FOUCAULT, 2012, p. 49). Tratar de forma medicamentosa um contingente de indivíduos que são organicamente saudáveis é uma prática comum nos dias atuais. Diante deste cenário da prática generalizada da medicalização como intervenção e controle dos corpos agitados, nos surge uma indagação: Por que e para quê corrigir estes corpos?

Outro equívoco é que, no fundo, quem deve ser corrigido se apresenta como sendo a corrigir na medida em que fracassam todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e corriqueiros de educação pelos quais se pode ter tentado corrigi-lo. O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E, no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobreintervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. (FOUCAULT, 2010, p. 50)

Nesta perspectiva, se a família, a escola e o Estado falharam com a educação e o controle destes corpos, recorre-se à medicina medicar e tratar o incorrigível. Se as

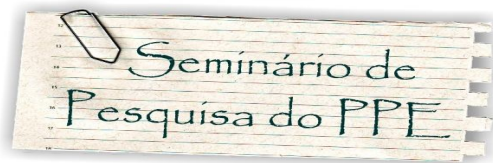


palavras, as conversas, os estudos e as atividades não corrigem, a química dos fármacos é a última solução. Desse modo, não há correção da causa da agitação e sim o alívio no sintoma da agitação. Encontramos nas salas de aulas, alunos e alunas sob o efeito de drogas químicas que muito prejudicam o aprendizado, pois para prestar atenção em um assunto é necessário que o indivíduo esteja em estado de alerta, ou seja, atento e ativo na sala de aula. Os efeitos colaterais de medicamentos como a ritalina retrai o estado de agitação e o aluno entra em um estado de constante calma, mas isto não significa que este indivíduo esteja em estado de alerta. Além dos problemas relacionados ao crescente número de encaminhamentos de crianças para a ajuda médica, a escola contemporânea enfrenta outros desafios relacionados a formação de professores/as e as escolhas metodológicas compatíveis com a demanda dos alunos como os usos das tecnologias em sala de aula.

A escola contemporânea

Vivemos numa sociedade em que os problemas sociais são transpostos para a esfera privada. Neste mundo novo, pede-se aos homens que busquem soluções privadas para problemas de origem social, e não soluções geradas socialmente para problemas privados. (BAUMAN, 2010, p. 50). Os corpos agitados são responsabilizados por seus atos, e, portanto, a escola terceiriza a sua responsabilidade legal de zelar pelo direito à educação de qualidade. Pressupomos que a qualidade no ensino movimenta-se na tríade do ensino significativo, problematizador e colaborativo.

Outro problema enfrentado pela escola contemporânea é a velocidade das informações em movimento das mídias e nas relações líquidas dos indivíduos. O fluxo informacional é tão intenso que se torna difícil a memorização dos conteúdos informados. A sociedade líquida requer a prontidão dos indivíduos para abandonar os hábitos pré-existentes por outros, pois a descartabilidade dos objetos e até mesmo das relações interpessoais favorecem o enfraquecimento das relações sólidas e estáveis. Esta capacidade para Bauman (2010, p. 49) torna-se mais importante do que o aprendizado dos novos.



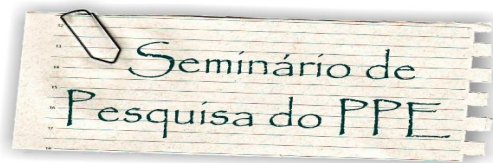
Por se tratar de um tempo e espaço em estado de liquidez, as instituições escolares se distanciam do conhecimento e usufruem dos saberes das informações que são breves e passageiras. O conhecimento requer tempo e perseverança para compreendê-lo em sua completitude. Um ponto de conflito surge no panorama das salas de aulas hipersaturadas de informações: o conflito entre as representações de tempo, ensino e aprendizagem das gerações dos docentes e dos discentes.

As diferenças entre “nós” (os velhos) e “eles” (os jovens) não são mais um problema temporário que vai se resolver e evaporar quando os mais novos tiverem (inevitavelmente) que encarar as coisas da vida. O resultado é que as velhas e as novas gerações tendem a se olhar reciprocamente com um misto de incompreensão e desconfiança. (BAUMAN, 2010, p. 64)

O jovem possui a habilidade perceptiva visual mais apurada que a habilidade auditiva das gerações anteriores. Isto ocorre porque a geração atual está cada vez mais envolvida com as tecnologias que são sumariamente visuais. As dificuldades no entendimento entre os docentes e os discentes compõem o leque dos desafios a serem rompidos na escola contemporânea.

O que importa aos jovens é conservar a capacidade de recriar a “identidade” e a “rede” a cada vez que isso se fizer necessário ou esteja prestes a sê-lo. [...] a capacidade interativa da internet é feita sob medida para essa nova necessidade. É a quantidade das conexões, mais que sua qualidade, que faz a diferença entre as possibilidades de sucesso ou fracasso. (BAUMAN, 2010, p. 69)

As tecnologias não são os vilões da escola contemporânea. Um dos entraves do ensino é otimizar as novas possibilidades de aprendizagem. A proposta dos trabalhos pedagógicos com o uso dos recursos midiáticos contribui para a criação de novas estratégias de aprendizagem. Os alunos agitados e desatentos podem se beneficiar desta configuração de aula, por se tratar de um espaço e tempo oportuno para a colaboração entre os indivíduos em prol da resolução das atividades propostas pelo docente. Há, desse modo, muitos elementos potencialmente atrativos para estes alunos como sentar-se com seus colegas, dialogar sobre as questões propostas pelo docente, ouvir o que o



colega está falando para pensar as ideias discutidas no grupo e assim contribuir com a tarefa de estabelecer um método dialógico e colaborativo.

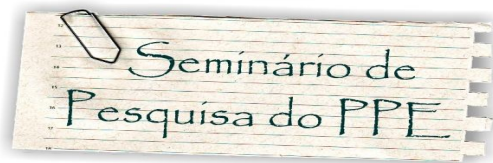
Outro ponto problemático da escola contemporânea é o uso do livro didático como único recurso pedagógico. A limitação da capacidade criativa do docente contribui para a dispersão e a inquietação na sala de aula. Propor atividades que contempla outras habilidades além do visual como os estímulos sensoriais e auditivos enriquecem o ensino e aprendizagem, por meio da vivência e do experimento significativos dos/das discentes.

Por fim, a dificuldade que o/a professor/a possui diante da falta de autoridade na sala de aula facilita a dispersão e o descontrole geral entre os/as alunos/as. A autoridade, muitas vezes, é interpretada como sinônimo de repressão e opressão. No entanto, a autoridade do docente pode significar um mestre colaborativo e democrático, representada no/a professor/a que estabelece as regras de boa convivência na sala de aula de forma dialógica no processo de ensino e aprendizagem. O método colaborativo pressupõe as trocas dos saberes e das informações entre os/as alunos/as e o/a professor/a assume o papel de mediador constante na busca pelo aprimoramento e atualização do conhecimento.

As exigências educacionais dos nossos tempos

Uma das principais exigências educacionais dos nossos tempos é pensar em uma educação coerente com o tempo e o espaço onde vivemos (LIBÂNEO, 2011). Não se trata de uma educação adaptativa, mas uma educação em consonância com os movimentos das vidas contemporâneas e com consciência elaborada nas esferas individuais e coletivas sobre as constantes mudanças das representações e das identificações que ocorrem em nós mesmos.

[...] novas exigências educacionais pedem às universidades e cursos de formação para o magistério um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na



sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2011, p. 12)

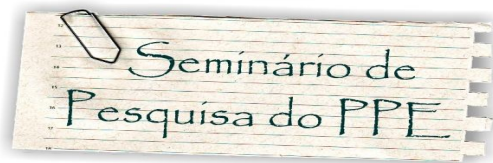
Para este autor, as relações entre tecnologia e conhecimento podem ser significativas quando bem elaboradas pelos docentes. O profissional precisa ter, além do conhecimento científico de sua especialidade (aprimorado e atualizado), o domínio da técnica em informática suficiente para operar os aparelhos como as TVs interativas, os *tablets*, os computadores, as telas de alta sensibilidade ao toque, etc.

O aprendizado baseado na Internet não é apenas uma questão de competência tecnológica: um novo tipo de educação é exigido tanto para se trabalhar com a Internet quanto para se desenvolver capacidade de aprendizado numa economia e numa sociedade baseada nela. A questão crítica é mudar do aprendizado para o aprendizado-de-aprender, uma vez que a maior parte da informação está on-line e o que é realmente necessário é a habilidade para decidir o que procurar, como obter isso, como processá-lo e como usá-lo para a tarefa específica que provocou a busca da informação. (CASTELLS, 2003, p. 212)

Do mesmo modo que o docente pode questionar o “aprender por aprender” pode questionar também no “ensinar por ensinar” (LIBÂNEO, 2011). Estas expressões indicam a importância do estudo, planejamento, estratégias para a execução das aulas. A coesão sobre o tema da aula, os objetivos, os caminhos para o estudo e avaliação devem ser bem informados tanto para o docente no momento do planejamento da aula quanto para os discentes no momento de execução da aula.

As aulas bem planejadas e ensinadas terão os conteúdos mais significativos aos/as discentes, pois “o esquecimento rápido é consequência da aprendizagem rápida e superficial, longa vida à aprendizagem rápida (curta, temporária, rasteira)!” (BAUMAN, 2013, p. 69). Além disso, assumir-se como mestre e intelectual, os docentes passam a pensar no ensino numa dimensão plural e sobretudo política:

Isso significa que qualquer discussão do ensino público tem de tratar das realidades políticas, econômicas e sociais que constroem os contextos que moldam a instituição da escola e as condições que produzem as diversas populações de alunos que constituem sua audiência. (GIROUX, 1999, p. 190)



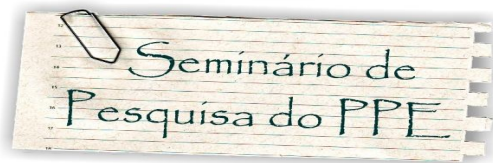
É em razão da prática reflexiva do docente sobre as suas representações pedagógicas e as possíveis interlocuções com as discussões do ensino no âmbito global, isto é, pensar no ensino no prisma social, político, econômico e cultural, que o docente desenvolve a habilidade de compreender as dimensões dos desafios pedagógicos no processo de ensino e aprendizagem.

Considerações Finais

Os corpos agitados na sala de aula não devem ser vistos na escola como um problema individual daquele que incomoda e perturba. A escola e o ensino têm a função e a responsabilidade para cumprir suas atribuições legais (o direito à educação e ao ensino de qualidade). A função docente consciente das ações colaborativas, reflexivas e atuantes no processo de aprendizagem dos discentes é fundamental para o ensino significativo.

Romper com a ideia clássica de que os desvios de normalidade são sinônimos de loucura, insanidade e anormalidade são desafiadores tanto para a escola quanto para a sociedade. Os indivíduos barulhentos causam desconfortos nas esferas individuais das pessoas que zelam pela manutenção de uma ordem cada vez mais fragmentada. O sinal da fragmentação desta ordem é o movimento da valorização da flexibilidade dos indivíduos, ou seja, quanto mais apto a mudar de posição e quanto mais acessível a desempenhar outras funções distintas mais qualificado este indivíduo estará.

É possível que este corpo agitado obtenha sucesso em áreas do mercado que necessitem de pessoas flexíveis. No entanto, o/a docente ainda se encontra confuso/a sobre o seu papel e a sua função, mantendo-se desse modo, a posição de disciplinador/a, cuja representação da ordem e do silêncio é sinônimo de uma escola boa. Reelaborar a sua atribuição primária (o ensino) é um dos caminhos para romper as dificuldades pedagógicas como a exclusão dos corpos agitados da escola.



REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTA, Vorraber Marisa. **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. MAY, Tim. **Capitalismo parasitário**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. Trad. José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GIROUX, Henry. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**. Novas políticas em educação. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LIBANEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011.

TERUYA, Teresa. **Trabalho e educação na era midiática**. Maringá: Eduem, 2006.